

Sessão 45
Etnia e Sociedades Tradicionais

362

O SOL POR ENTRE AS ÁRVORES: VISIBILIDADE MBYÁ-GUARANI. Luiz Fernando Caldas Fagundes, Sergio Baptista da Silva (orient.) (UFRGS).

Atualmente no sul do Brasil, devido à conjuntura pós-constituição de 1988, a sociedade guarani está mudando sua atitude na relação – assimétrica – junto à sociedade nacional. A consciente ocultação transforma-se em visibilidade cultural na busca da ampliação de seu território tradicional. As manifestações estéticas (cantos e danças), a cultura material (artesanato) e os adornos corporais são as formas privilegiadas na performance desta etnia, configurando-se como produtos culturais que passam a ser fontes fundamentais na sustentabilidade das comunidades. Através de "freqüentação intensa" junto aos Mbyá-Guarani em geral e, especificamente, ao Coral *Nhanderú Jepoverá*, da Terra Indígena Cantagalo, em Viamão-RS, esta pesquisa busca compreender a ação e o postar-se no mundo deste povo. Este acompanhamento antropológico de "campo" e "cidade" – o *xondáro*, "guerreiro" guarani, está constantemente na urbe – visa privilegiar as categorias nativas no contato cultural, entendendo que o pensamento indígena é a forma privilegiada de análise etnológica. São as concepções mito-cosmológicas que atribuem sentido a agência étnica. Além do *ethos* religioso que caracteriza este povo, a prática venatória guarani – "mundéu", armadilha – orienta as relações com a alteridade, ou seja, a subsistência alimentar passa pelo canibalismo metafórico do *juruá*, o não-índio, sendo este a "caça" mais perigosa a ser "emboscada". Este outro entre os outros, no domínio da natureza e da sobre-natureza (animais, mortos, divindades), é, ao mesmo tempo, inimigo e aliado. É o "animal" mais feroz a ser "abatido", "dono" de uma vasta gama de recursos – as terras, por exemplo – que se encontram no cosmos. É o "animal" a ser "domesticado", destruindo sua animalidade para transformá-lo em humano, ou seja, conhecedor e respeitador da cultura guarani.